

**Contos e
Novelas
Portuguesas
do SÉC.XIX**

Biblioteca Online do Conto

Contos e Novelas Portuguesas do Século XIX

2014, Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP

Orientação: Luísa Costa Gomes

Digitalização e Correção: Inês Fonseca Santos

Revista Ficções / Instituto Camões / Instituto do Livro

Gérard de Nerval

PANDORA

Tradução de João Nuno Martins

AMORES DE VIENA

PANDORA

Duas almas, ai de mim!, me disputavam o peito, e cada uma delas quer separar-se da outra: uma, ardente de amor, apegava-se ao mundo por meio dos órgãos do corpo; um movimento sobrenatural impele a outra para longe das trevas, rumo às altas moradas dos nossos antepassados.

Fausto

Todos vós a conhecestes, ó meus amigos, à bela Pandora do teatro de Viena! Decerto ela vos deixou, tal como a mim, cruéis e doces lembranças! Era talvez a ela – era a ela, na verdade – que se podia aplicar o indecifrável enigma gravado na pedra de Bolonha: *ÆLIA LÆLIA*. – *Nec vir, nec mulier, nec androgyna*, etc. «Nem homem, nem mulher, nem andrógina, nem menina, nem jovem, nem velha, nem casta, nem louca, nem pudica, mas tudo isso numa só...» A Pandora, enfim, e está tudo dito – pois não quero dizer tudo.

Ó Viena, a bem guardada, rocha de amor dos paladinos, não possuis a taça abençoada do Santo Graal místico, mas o Stock-im-Eisen dos bravos companheiros! A tua montanha de íman atrai invencivelmente a ponta das espadas, e o Magiar cobiçoso, o Boémio intrépido, o Lombardo generoso morriam para te defender aos pés divinais de Maria-Hilf!

Não pude eu mesmo cravar o prego simbólico no tronco carregado de ferro (Stock-im-Eisen) assente à entrada do Graben, à porta de um joalheiro; mas verti as minhas lágrimas mais doces e as mais puras efusões do meu coração pelas praças e pelas ruas, sobre os baluartes, nas alamedas do Augarten e sob as árvores do Prater. Enterneci com os meus cantares de amor as tímidas corças e os faisões domesticados. Passei os meus devaneios pelos declives relvados de Schoenbrunn. Adorava as pálidas estátuas destes jardins coroados pelo Pavilhão de Maria Teresa, e as quimeras do velho palácio arrebataram-me o coração enquanto admirava os seus olhos divinos e esperava beber do seu seio de mármore resplandecente.

Perdoa ter surpreendido um olhar dos teus belos olhos, augusta arquiduquesa, cuja imagem eu tanto amava, pintada no letreiro de uma loja. Lembravas-me a outra..., sonho dos meus amores de criança, por quem tantas vezes transpus o espaço que separava o meu tecto natal da cidade dos Stuarts! Ia a pé, cruzando campos e bosques, sonhando com a Diana de Valois, que protege os Médicis; e quando, acima das casas do Pecq e do pavilhão de Henrique IV, avistava as torres de tijolo, encordoadas de ardósia, atravessava o Sena, que languesce e se desdobra em redor das suas ilhas, e penetrava nas ruínas solenes do velho castelo de Saint-Germain. O aspecto tenebroso dos altos pórticos, onde paira o morcego, onde foge o lagarto, onde pula o cabrito que pasta os verdes acantos, enchia-me de júbilo e de amor. Adiante, tendo atingido o planalto da montanha, mesmo através do vento e da borrasca, que felicidade, uma vez mais, distinguir, para além das casas, a costa azulada de Mareil, com a sua igreja onde repousam as cinzas do velho senhor de Monteynard!

A recordação das minhas belas primas, essas intrépidas caçadoras que eu outrora passeava pelos bosques, belas, ambas, como as filhas de Leda, ainda me deslumbra e inebria.

Porém, era só a ela que eu amava então!...

Estava muito frio em Viena, no dia de São Silvestre, e eu muito me deleitava no toucador da Pandora. Uma carta que ela fingia escrever não avançava, e as deliciosas garatujas da sua caligrafia entrelaçavam-se bizarramente com não sei que harpejos

misteriosos que extraía um instante das cordas da sua harpa, cuja voluta se sumia no abraço de uma sereia dourada.

De súbito, atirou-se-me ao pescoço e beijou-me, dizendo com um riso louco:

– Olha, é um padrezinho! Muito mais divertido que o meu barão!

Fui compor-me ao espelho, pois o meu cabelo castanho estava todo em desalinho, e corei de humilhação ao sentir que apenas era amado por causa de um certo aspecto eclesiástico que o meu ar tímido e a casaca preta me conferiam.

– Pandora – disse-lhe eu – não brinquemos com o amor nem com a religião, que, na verdade, são a mesma coisa.

– Mas eu adoro padres – disse ela. – Não me tire a ilusão.

– Pandora – disse eu com amargura – não volto a vestir esta casaca, e, quando vier vê-la, hei-de trazer a minha casaca azul com botões dourados, que me dá um ar de cavaleiro.

– Só o recebo de casaca preta – disse ela.

E chamou a sua dama de companhia.

– Röschen!... Se este senhor que aqui está aparecer de casaca azul, ponha-o na rua, à porta do hotel. Já estou mais que farta – acrescentou, furiosa – dos adidos de embaixada todos de azul com os seus botões de coroa, e dos oficiais de Sua Majestade Imperial, e dos magiares, com as suas casacas de veludo e os bonés de penacho! Este pequeno vai-me servir de padre. Adeus, padre! Está combinado, amanhã vem buscar-me de carruagem, e vamos juntos ao Prater... mas de casaca preta.

Cada palavra sua me penetrava no coração como um espinho. Um encontro, um encontro a sério para o dia seguinte, primeiro dia do ano, ainda por cima de casaca preta! E nem era tanto a casaca que me desesperava: eram os bolsos vazios! Que vergonha! Vazios, ai de mim!, no próprio dia de São Silvestre!...

Movido por uma esperança insensata, corri à estação postal para ver se o meu tio não me teria enviado uma carta registada.

Ó ventura!, pedem-me dois florins e entregam-me uma missiva com selo francês. Um raio de sol caía a prumo sobre esta carta insidiosa; as linhas sucediam-se implacavelmente, sem o menor vestígio de vale dos correios ou letra comercial. Nada continha, com toda a evidência, senão máximas de moral e conselhos de economia.

Devolvi-a, simulando prudentemente ter-me enganado no colete ao sair de casa, e, com uma surpresa fingida, apalpei uns bolsos que não produziam qualquer som metálico; em seguida, precipitei-me para as ruas populosas em redor de Santo Estêvão.

Felizmente, tinha em Viena um amigo. Era um rapaz muito amável, um tanto louco, como todos os alemães, doutor em filosofia, e que cultivava com graça um vago dom para o papel de tenor ligeiro.

Sabia bem onde encontrá-lo, que era em casa da amante, Rosa de seu nome, figurante no teatro de Leopoldstadt; ele ia visitá-la todos os dias das duas às cinco da tarde. Atravessei rapidamente a Rothenthor , subi as ruas, e, logo ao fundo da escada, distingui a voz do meu companheiro, que cantava em tom langoroso:

Einen Kuß von rosiger Lippe,

Und ich fürchte nicht Sturm und nicht Klippe!

O infeliz acompanhava-se à guitarra, o que em Viena ainda não é ridículo, e dava-se ares de menestrel. Falei-lhe à parte e confiei-lhe a minha situação.

– Então não sabes – perguntou – que hoje é dia de São Silvestre?...

– Oh! É verdade! – exclamei, avistando por cima da lareira de Rosa uma magnífica decoração de vasos cheios de flores. – Nesse caso, só me resta trespassar o coração, ou ir dar uma volta para os lados da ilha Lobau, onde corre o afluente mais forte do Danúbio?

– Ainda não – disse ele, tomando-me o braço.

Sáímos. Ele disse:

– Salvei isto das mãos da Dalila... Toma, aqui tens dois escudos austríacos; poupa-os bem, e vê se os guardas intactos até amanhã, que é o grande dia.

Transpus as ladeiras cobertas de neve e voltei a Leopoldstadt, onde morava, em casa de umas lavadeiras. Fui dar com uma carta a recordar-me que tinha de participar numa brilhante representação a que iria assistir parte da corte e das embaixadas. Ia-se mimar umas charadas. Peguei no meu papel com irritação, pois ainda nem olhara para ele. A Kathi veio ver-me, sorridente e ataviada, bionda grassota, como sempre, e disse-me coisas agradáveis no seu linguajar mesclado de morávio e veneziano. Trazia no corpete não sei bem que flor, e eu quis que ma desse, por amizade. Ela, num tom que ainda não lhe conhecia, disse:

– Nunca por menos de zehn Gulden-Conventionsmünze! («de dez florins em moeda da Convenção»).

Fiz de conta que não percebia. Ela foi-se embora furiosa, dizendo que ia à procura do seu velho barão, que havia de lhe dar mais generosa prenda de Ano Novo.

Eis-me livre. Desço as ruas a estudar o meu papel, com ele na mão. Encontrei Wahby, a Boémia, que me dirigiu um olhar lânguido e carregado de censuras. Senti a necessidade de ir jantar à Porta Vermelha e enchi o estômago de um tokay tinto a três kreutzers o copo, com que reguei umas costeletas grelhadas, umas Wurschell e, para acabar, uns caracóis.

As lojas, iluminadas, transbordavam de freguesas, e, nas montras, mil bugigangas, bambochas e bonecas de Nuremberga faziam caretas, acompanhadas por um concerto infantil de pandeiretas e cornetins de lata.

– O diabo do conselheiro íntimo de açúcar-cândi! – exclamei em memória de Hoffman.

E desci rapidamente os degraus gastos da taberna dos Caçadores. Lá dentro, cantava-se A Revista Nocturna, do poeta Zedlitz. A grande sombra do imperador pairava sobre a alegre assembleia, e eu mesmo cantarolava:

Ó Richard!...

Uma moça encantadora trouxe-me um copo de Bayerisch Bier, e não me atrevi a beijá-la pois pensei no encontro do dia seguinte.

Não conseguia estar quieto. Fugi à alegria tumultuosa da taberna e fui tomar o meu café ao Graben. Ao cruzar a praça de Santo Estêvão, fui reconhecido por uma velha engraxadora, que me gritou, como era hábito seu:

– Sacré n... de D...» – únicas palavras em francês que retivera da invasão imperial.

Isto fez-me lembrar da representação dessa noite; porque, de outro modo, teria ido incrustar-me nalguma estala do teatro da Porta-de-Caríntia, onde muito costumava admirar a menina Lutzer. Pedi graxa, pois a neve tinha-me estragado bastante os sapatos.

Uma boa chávena de café pôs-me de novo em estado de me apresentar no palácio. As ruas estavam cheias de lombardos, boémios e húngaros, a rigor nos seus trajes nacionais. Os diamantes, os rubis e as opalas faiscavam-lhes no peito, e a maioria dirigia-se para o Burg, para ir prestar vassalagem à família imperial.

Não ousei misturar-me com essa turba ofuscante; mas a amada recordação da outra... protegeu-me dos encantos da artificiosa Pandora.

Fizeram-me o reparo, na embaixada francesa, de que estava muito atrasado. A Pandora, despeitada, divertia-se a mandar um velho barão e um jovem príncipe grotescamente vestido de estudante carnavalesco fazerem exercício. Este jovem raposo subtraía à função uma vela das de seis, da qual fizera um punhal. Ameaçava com ela os tiranos, declamando versos de tragédia e invocando a sombra de Schiller.

Para matar o tempo, tinham-se lembrado de improvisar umas charadas. – A palavra da primeira era marechal. O meu primeiro é mar. – Vatel, encarnado por um jovem adido, proferia um solilóquio antes de mergulhar no coração a ponta da sua espada de gala. Em seguida, um amável diplomata ia visitar a dama dos seus pensamentos; tinha uma quadra na mão e deixava ver a franja de um schall no bolso da casaca.

– Basta! Suspende! (deste pano) – dizia a astuta Pandora, puxando para si o xaile de autêntica caxemira Biétry, que se arvorava em tecido de Golconda. Dançou em seguida a dança do schall com adorável negligência. Começou então a terceira cena e apareceu um ilustre marechal com o seu chapéu histórico.

Passou-se então a outra charada, cuja palavra era mandarim. – Começava com um mandato, que me fizeram assinar e ao qual apus o nome glorioso de Macaire (Robert), barão das Faldas e esposo em segundas núpcias da sensibílissima Éloa. Fui muito aplaudido nesta momice. O segundo termo da charada era Reno. Cantaram-se os versos de Alfred de Musset. A junção dos dois termos conduziu naturalmente ao aparecimento de um verdadeiro mandarim trajado de caxemira, que, de pernas cruzadas, fumava indolentemente o seu huka. – A sedutora Pandora teve ainda de nos fazer uma das suas. Apareceu vestida com a maior ligeireza, num corpete branco bordado de granadas e num vestido solto de tecido escocês. O cabelo, entrançado em forma de lira, erguia-se-lhe na cabeça morena como dois chifres majestosos. Cantou como um anjo a romanza de Déjazet: Eu sou Tching-Ka!...

Soaram enfim as três pancadas para a comédia intitulada Madame Sorbet. Apresentei-me fazendo de actor de província, como o Destino no Roman comique. A minha fria Estrela percebeu que eu não sabia uma palavra do meu papel e entreteve-se a atrapalhar-me. O sorriso gelado das espectadoras acolheu esta minha estreia e encheu-me de pavor. Em vão o visconde se derreava a bichanar-me as belas frases rendadas de Monsieur Théodore Leclercq – fiz gorar a representação.

De raiva, deitei ao chão o biombo, que figurava um teatro de província. – Que escândalo! – Fugi do salão a toda a pressa, esbarrando, ao longo das escadas, em enxames de funcionários, com os seus fios de prata, e em lacaios agaloados vestidos à húngara, e, pondo patas de veado, fui refugiar-me cheio de vergonha na taberna dos Caçadores.

Aí, pedi um jarro de vinho novo, que misturei com um de vinho velho, e escrevi à deusa uma carta de quatro páginas, num estilo abracadabrante. Lembrei-lhe os tormentos de Prometeu, quando pôs no mundo uma criatura tão depravada como ela. Critiquei a sua caixa de malícia e os seus preparos de bailarina indiana. Ousei mesmo censurar-lhe os pés serpentinos, que eu via aparecerem insidiosamente por baixo do vestido. – Em seguida, fui levar a carta ao hotel onde ela estava instalada.

Após o que retornei à minha pequena morada de Leopoldstadt, onde não preguei olho a noite inteira. Não parava de a ver dançar com dois chifres de prata lavrada, agitando a cabeça emplumada, e fazendo ondular a gola de renda gofrada sobre as pregas do vestido de brocado.

Que bela estava, nos seus atavios de seda e de púrpura levantina, mostrando insolentemente os ombros brancos, untados com o suor do mundo. Por um momento, estive à beira de ceder aos perigosos enlances das suas carícias, quando eis que me pareceu reconhecê-la por tê-la visto no princípio dos séculos.

– Desgraçada! – disse-lhe eu – perdemo-nos por tua culpa, e o mundo vai acabar! Não sentes como aqui não se respira já? O ar está empestado dos teus venenos, e a última vela, que ainda nos alumia, já vacila e esmorece ao sopro impuro do nosso respirar... Ar! Ar, que perecemos!

– Meu senhor – exclamou ela – só temos para viver sete mil anos. O que ainda dá mil cento e quarenta...

– Setenta e sete mil! – disse-lhe eu, – e mais uns milhões de anos: os teus nigromantes enganaram-se.

Ela então ergueu-se, rejuvenescida, dos ouropéis que a cobriam, e o seu voo perdeu-se no céu purpúreo do leito de baldaquim. O meu espírito flutuante quis em vão segui-la: ela desaparecera para toda a eternidade.

Estava eu a engolir umas pevides de romã. Na minha garganta, sobrepôs-se a este entretém uma sensação dolorosa. Achei-me estrangulado. Cortaram-me a cabeça, que foi exposta à porta do serrallo, e estaria completamente morto se um papagaio, passando num voo fulgurante, não tivesse engolido algumas das pevides que se encontravam misturadas com o sangue.

O papagaio levou-me até Roma, às arcadas floridas da latada do Vaticano, onde a bela Impéria pontificava à mesa sagrada, rodeada de um conclave de cardeais. Ao ver as salvas de ouro, senti-me ressuscitar, e disse-lhe:

– Reconheço-te bem, Jezabel!

Depois houve um estalido na sala. Era o anúncio do Dilúvio, ópera em três actos. Pareceu-me então que o meu espírito penetrava a terra e, atravessando a nado os bancos de coral da Oceânia e o mar purpúreo dos trópicos, achei-me atirado para a costa umbrosa da ilha dos Amores. Era a praia de Taiti. Rodeavam-me três raparigas que me faziam pouco a pouco voltar a mim. Dirigi-lhes a palavra. Tinham esquecido a língua dos homens:

– Salve, minhas irmãs do Céu – disse-lhes sorrindo.

Saltei da cama como um louco – era dia claro; tinha de esperar até ao meio-dia para ir saber o efeito da minha carta. A Pandora ainda dormia quando cheguei. Pulou de alegria e disse-me:

– Vamos ao Prater, vou-me vestir.

Enquanto a esperava no seu salão, o príncipe*** bateu à porta e disse-me que regressava do castelo. Eu julgava-o nas suas terras. – Falou-me demoradamente de como era forte na espada e de certos chanfalhos de que os estudantes do Norte se servem nos seus duelos. Esgrimíamos nós no ar quando a nossa dupla Estrela apareceu. Isso é que foi, então, ver qual de nós dois não iria sair. Eles puseram-se a conversar numa língua que eu desconhecia; mas não cedi um centímetro de terreno. Descemos a escada os três juntos e o príncipe acompanhou-nos até à entrada do Kohlmarkt.

– Vocês fizeram das boas – disse-me ela. – A Alemanha vai arder cem anos.

Acompanhei-a ao seu fornecedor de música; e, enquanto ela folheava uns álbuns, vi chegar o velho marquês, em uniforme de magiar, mas sem chapéu, exclamando:

– Que imprudência! Os dois palermas vão-se matar por amor de vós!

Interrompi esta conversa ridícula chamando um fiacre. A Pandora mandou seguir para Dorothée-Gasse, onde era a sua modista. Ficou lá fechada uma hora, e depois disse, ao sair:

– Estou rodeada de incapazes.

– E eu? – observei humildemente.

– O senhor? Oh! O senhor é o número um!

– Obrigado! – repliquei.

Falei confusamente do Prater; mas o vento tinha mudado. Tive de a levar, coberto de vergonha, de volta ao seu hotel, e os meus dois escudos austríacos mal chegaram para pagar o fiacre.

Furioso, fui fechar-me em casa, onde tive um ataque de febre. Na manhã seguinte, recebi uma notificação para um ensaio que me intimava a decorar o papel da Velha, para representar a peça intitulada *Deux mots dans la forêt*. – Não estive para me submeter a nova humilhação, e voltei para Salzburgo, onde fiquei a reflectir amargamente, na velha casa de Mozart, hoje habitada por um chocolateiro.

Só no ano seguinte revi a Pandora, numa fria capital do Norte. A sua carruagem parou subitamente no meio da grande praça, e um sorriso divino pregou-me, sem forças, ao chão.

– Cá estás outra vez, feiticeira – exclamei. – E a caixa fatal? Que fizeste dela?

– Enchi-a para ti – disse ela – dos mais lindos brinquedos de Nuremberga. Não virás admirá-los?

Mas eu deitei a fugir quanto pude para a praça da Casa da Moeda.

– Ó filho dos deuses, pai dos homens! – gritava ela. – espera um pouco. Hoje é dia de São Silvestre, como o ano passado... Onde escondeste o fogo do céu que roubaste a Júpiter?

Não quis responder: o nome de Prometeu continua a desagradar-me singularmente, pois sinto ainda nas entranhas o bico eterno do abutre de que Alcides me libertou.

Ó Júpiter, quando terá fim o meu suplício?

O conto Pandora parece constituir o complemento de uma série de cartas intitulada *Amours de Vienne*, que Nerval publicou em 1841 como diário da sua estada em Viena. Na altura, o autor assumia ter omitido certas informações, eventualmente comprometedoras, que seriam enfim reveladas neste texto. O antetítulo *Amores de Viena* aparece na primeira edição de Pandora (*Le Mousquetaire*, 31 de Outubro de 1854). Jean Guillaume, que fixa finalmente o texto do conto em 1968, após um percurso editorial semeado de vicissitudes, opta por reter apenas o elemento Pandora. Seguimos aqui a edição que serviu de base à tradução, cujas notas, introdução e apêndices, de Michel Brix, nos permitiram resolver a maior parte dos problemas de contextualização e servem de base à nossas próprias notas [n. do t.].

A passagem corresponde aos versos 1112 a 1115 do Fausto de Goethe e a tradução é do próprio Nerval. Mantivemos, por isso, o imperfeito do indicativo do original («se partageaient») na forma «disputavam». Conservámos, do mesmo modo, as demais irregularidades no uso dos tempos verbais que pontuam o texto, bem como o artigo definido antes do nome «Pandora» e, no final do conto, as imprecisões nas referências mitológicas [n. do t.].

«Cepo-no-ferro», é o tronco de uma árvore no qual, segundo a tradição, os serralheiros iam espetar um prego como marca da sua passagem. Maria-Hilf, no final do parágrafo, é a igreja de N^a Senhora do Amparo [n. do t.].

A «Porta Vermelha» de que o narrador fala adiante [n. do t.].

«Um beijo de róseos lábios / E não temo procela ou recife!» [n. do t.].

A exclamação corresponde a uma frase retirada de *Abenteuer der Silvesternacht*, conto de Ernst Hoffman que Nerval traduziu parcialmente em 1831 [n. do t.].

«Sacré nom de Dieu», i.e., à letra, «sagrado nome de Deus», expressão blasfema que o narrador abrevia. Mantivemos o francês do original, pois é nessa língua que a engraxadora, falante de alemão, habitualmente profere estas palavras [n. do t.].

«Renard», tradução de Nerval do alemão Fuchs, que significa igualmente «caloiro»; Brix nota que, segundo Littré, «uma vela das de seis» («une chandelle des six») era uma vela que se vendia à meia dúzia por uma libra [n. do t.].

Nas charadas, as palavras que compõem foneticamente o vocábulo escondido são designadas, em francês, como «mon premier» («o meu primeiro [termo]»), «mon deuxième» («o meu segundo [termo]»), etc., e, finalmente, refere-se a totalidade desse vocábulo como «mon tout» («o meu todo») [n. do t.].

No original francês, o trocadilho estabelece-se entre a ordem explícita de Pandora («Suspend!») e a sua possível leitura fonética («sur ce pan» – «[Basta] deste pano [do xaile]»); o termo alemão schal (xaile) surge na sua grafia antiga, que mantivemos; quanto à referência a Vatel, famoso cozinheiro de Condé, compreende-se pelo termo francês «marée», aqui traduzido por «mar»: «marée» significa também «peixe fresco» e terá sido por recluir a falta deste ingrediente num jantar que preparava que Vatel se suicidou. Na charada seguinte, a palavra escondida («mandarin») é descrita a partir da justaposição de «mandat» («mandato») e «Rhin» («Reno»), donde a referência ao poema «Le Rhin allemand», de Musset [n. do t.].

Os jovens Destino e Estrela são personagens de Le Roman comique, de Paul Scarron, que entram para um grupo de actores ambulantes para escapar à perseguição de que são alvo [n. do t.].

A expressão original, «s'attacher des pattes de cerf», não é idiomática mas do próprio Nerval, que, de resto, a destaca em itálico [n. do t.].